



XIX ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR  
Blumenau - SC - Brasil

---

HISTÓRIA DO DESENVOLVIMENTO DO PARQUE MALWEE E SUA REGIÃO EM JARAGUÁ DO SUL - SC.

**Kayuã Girardi** (Universidade Regional de Blumenau - FURB) - [kayuag@furb.br](mailto:kayuag@furb.br)

*Formado em Ciências Sociais e mestrando em Desenvolvimento Regional pela FURB.*

**Gilberto Friederich dos Santos** (FURB) - [frieden@furb.br](mailto:frieden@furb.br)

*Possui graduação e mestrado em Geografia pela UFSC e doutorado em Geografia pela USP, atualmente é professor do quadro da FURB.*

**Martin Stabel Garrote** (FURB) - [martin\\_stabelgarrote@yahoo.com.br](mailto:martin_stabelgarrote@yahoo.com.br)

*Possui Graduação em História e Ciências Sociais, mestrado e doutorado em Desenvolvimento Regional pela FURB.*

**Juliano João Nazario** (FURB) - [nazario.juliano@hotmail.com](mailto:nazario.juliano@hotmail.com)

*Formado em História pela FURB.*

## HISTÓRIA DO DESENVOLVIMENTO DO PARQUE MALWEE E SUA REGIÃO EM JARAGUÁ DO SUL - SC.

Uma análise do processo de ocupação e desenvolvimento das margens do Rio Jaraguá no Vale do Itapocu.

### 1 INTRODUÇÃO

O estudo trata a temática da Sociedade e Meio Ambiente investigando a História Ambiental e o Desenvolvimento Regional de um território privado que acabou se tornando um parque, conhecido como Parque Malwee. A Região pesquisada situa-se em um vale às margens do rio Jaraguá, um dos afluentes do rio Itapocu, principal rio que corta a cidade de Jaraguá do Sul. As características físicas da região atraíram os primeiros moradores a se fixarem nas partes planas e próximas ao rio, assim, se beneficiando de uma boa fonte de água, para consumo e irrigação, como também da disponibilidade do terreno para o plantio. Exemplo desse benefício encontramos, já no primeiro estabelecimento da, ainda colônia de Jourdan, o qual transportava sua produção “em canoas e lanchas de fundo chato, ao porto de embarque de S. Francisco” (STULZER, 1973, p.73).

O parque em questão se encontra na cidade brasileira de Jaraguá do Sul, distante, aproximadamente 44 km de Joinville e 59 km de Blumenau, faz parte do Vale do Itapocu (STEINBACH, 2013), possui uma área territorial de 529,412 km<sup>2</sup> e localiza-se a uma latitude 26° 29'09" sul e a uma longitude 49° 04'01" oeste, no Estado de Santa Catarina. Sua população em 2010 era de 143.123 mil habitantes, o que gerava uma densidade demográfica de 270,28 habitantes por km<sup>2</sup> e sua população estimada para 2018 era de 174.158 mil (IBGE, 2017). O IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) registrado em 2010 fora de 0,803 e o PIB per capita em 2016 alcançou os 46.429,86 Reais (IBGE, 2017). A cidade conta com 90%<sup>1</sup> de domicílios com esgotamento sanitário adequado, 69.2% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 63.6% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada (IBGE, 2017).

A cidade faz parte do estado de Santa Catarina que, está contemplado integralmente no bioma da Mata Atlântica, onde são encontradas três formações principais, a Floresta Ombrófila Mista (também conhecida como Floresta de Araucárias), a Floresta Estacional Decidual (também chamada de Floresta Subtropical

---

<sup>1</sup> Ver mais em:

<<https://ndmais.com.br/infraestrutura/jaragua-do-sul-tem-uma-das-maiores-coberturas-de-esgoto-sanitario-do-pais/>> Acesso em: dez. 2021

do Rio Uruguai), e a Floresta Ombrófila Densa. Da área total original desse bioma, resistem apenas 23,8% (2.283.000 hectares), e essa área toda que a floresta cobre, o estado hoje, é o segundo com maior proporção de vestígios e o terceiro maior em área remanescente (BRASIL, 2009). Nesse ambiente se desdobraram os efeitos da ocupação, primeiro, dos grupos Xokleng, Kaingang e Guaranis, e posteriormente dos colonizadores oriundos da Europa e, mais recentemente, também é nesse campo onde se criou o Parque Malwee em 1978.

Localiza-se a margem esquerda do rio Jaraguá, um dos afluentes do rio Itapocu, principal rio da Bacia do Itapocu (STEINBACH, 2013). A região desta Bacia “é composta basicamente por duas categorias de rocha, incluindo o complexo (Craton) Luís Alves e as coberturas sedimentares recentes” atingindo juntas mais de 80% dessa área. Apresentando “uma grande área de baixa elevação (< 100m), composta basicamente por extensas planícies costeiras, ocupando aproximadamente a metade da área total da bacia”. Já o restante “(20% da área total) é bastante elevada (> 700m), enquanto a porção intermediária (elevações entre 100 e 700 m) representa apenas 30% da área total” (ASP, SIEGLE, SCHETTINI, LOSSO, KLEIN, et al, 2009). Se encontra entre vinte e oitenta metros acima do nível do mar, na área do parque é coberto pela Floresta Ombrófila Densa Submontana e montana predominantemente. Estas informações são imprescindíveis, pois como fala Donald Worster “a história ambiental trata do papel e do lugar da natureza na vida humana” (WORSTER, 1991, p. 201).

As características naturais da região contribuem no estabelecimento das bases necessárias para a produção da organização socioeconômica no desenvolvimento do território, e os núcleos de povoados humanos alojam-se nas áreas baixas dos vales, mais agricultáveis. A descrição do ambiente estudado, em consonância com as interações humanas com a natureza, da qual o humano faz parte contemplam a primeira das três dimensões de Donald Worster, pois, “os seres humanos participam dos ecossistemas tanto como organismos biológicos aparentados com outros organismos quanto como portadores de cultura” (WORSTER, 1991, p. 206). Caracterizar a Bacia Hidrográfica do Itapocu, torna-se crucial, pois, como veremos adiante, toda o processo de desenvolvimento, após a ocupação européia, da região na qual está o Parque Malwee, de alguma forma, foi intensamente dependente das águas dos afluentes do Itapocu.

O objetivo geral é investigar a História do Desenvolvimento Regional do parque Malwee e sua região na cidade de Jaraguá do Sul. Os objetivos específicos

são: (a) compreender o processo histórico de ocupação e colonização do município de Jaraguá do Sul (b) investigar o processo de criação do Parque Malwee e (c) identificar a contribuição socioambiental do parque para a cidade. O Parque Malwee, inaugurado em 1978, possui aproximadamente 1,5 milhão de m<sup>2</sup> de área preservada, abriga em sua extensão mais de 35 mil árvores, nativas e exóticas à flora brasileira e 133 espécies de aves catalogadas e é pertencente ao grupo Malwee (GRUPO MALWEE, 2016). Tanto a empresa quanto o parque são peças importantes no desenvolvimento da cidade. Fundada em 1968, a Malwee tem sua origem na firma Weege que passou por diversos ramos de atuação: frigorífico, loja de departamentos, posto de gasolina e engenho de arroz (SOTO, 2009).

Historicamente, Jaraguá sofreu influências de Joinville e de Blumenau, a começar pela sua colonização, que foi feita a partir de imigrantes deslocados dessas duas áreas (SOTO, 2010). Portanto, é possível afirmar que a forma com que lidavam com a mata, seus primeiros colonizadores, se assemelha ao modelo adotado em Blumenau e Joinville. A colonização das áreas, que vieram a dar origem a grande parte dos municípios dos vales do Itapocu e Itajaí, foi idealizada no âmbito de uma política imigratória, voltada ao povoamento do território nacional, conduzida pelo Estado (SEYFERTH, 2009). Esses colonos europeus que vinham para o sul do Brasil, em sua maioria alemães, chegavam destinados a trabalhar no cultivo do solo (SEYFERTH, 2002). Quando chegaram a Blumenau, os novos habitantes da floresta usaram a natureza tendo uma concepção na qual a natureza era um inimigo a ser desbravado e dominado para o estabelecimento dos moldes civilizatórios (GARROTE, DAMBROWSKI, SANTOS, 2008).

Desde a colonização a floresta vem sendo castigada, sempre houve agressões humanas ao meio ambiente, mas certamente o grau que elas atingiram de cem anos para cá é inusitado (NEIMAN, 1989). Desta forma, entender o impacto e o funcionamento de qualquer iniciativa ou ambiente de preservação se torna importante para nossa sociedade atual. Através dessa compreensão, melhorias podem ser geradas e novas iniciativas podem ser incentivadas. O Parque Malwee, além de ambiente de preservação ecológica, se pretende como ambiente de lazer e preservação cultural (GRUPO MALWEE, 2016).

## **METODOLOGIA**

A proposta é uma pesquisa de base, na área de concentração das ciências sociais aplicadas, tendo como disciplina o Desenvolvimento Regional ou Ciência

Regional, e abordagem teórica e metodológica da História Ambiental. Os procedimentos de coleta de dados consiste no levantamento de dados secundários utilizando fontes bibliográficas, especialmente regionais, documentos oficiais, artigos técnico-científicos, jornais, censos econômicos, atlas e mapas. Os dados coletados foram organizados buscando responder os objetivos específicos determinados. A análise dos dados encontrados se deu através da abordagem teórica metodológica da História Ambiental, que segundo Drummond (1991), consiste em delimitar uma região que possua alguma homogeneidade ou identidade natural e social, descrevendo as particularidades sociais, físicas e naturais. Para isso realiza-se um diálogo com outras ciências interdisciplinarmente. Devem-se explorar as interações entre o quadro de recursos naturais úteis e inúteis e os diferentes estilos civilizatórios e desenvolvimento das sociedades humanas.

Para Pádua (2010) a História Ambiental deve ser feita considerando três níveis de informações associados: O entendimento da natureza propriamente dita, tal como se organizou e funcionou no passado, seus aspectos orgânicos e inorgânicos, e como se configura no presente; análise do domínio socioeconômico e sua interação e interdependência com o ambiente, em compreender as relações sociais que brotam das interações e interdependências nos diversos modos que os povos criam e produzem bens a partir dos recursos naturais; compreensão da interação mental e intelectual da produção humana, as percepções, valores éticos, leis, mitos e demais estruturas de significação sobre a natureza. O levantamento histórico torna possível conhecer os processos que constituíram e deram características simbólicas e materiais ao território, comunidades e grupos. As transformações sociais e ambientais na paisagem geram produtos culturais materiais e imateriais. O papel da história é resgatar do passado ao presente os acontecimentos, gerar conhecimentos, e organizar as produções culturais humanas, seus feitos, e sua inter-relação com o território, tornando-o acessível à sociedade. Com a História esses legados do passado passam a ter a capacidade de manter-se vivos no presente (BLOCH, 2001).

## **PROCESSO HISTÓRICO DE OCUPAÇÃO E COLONIZAÇÃO DO MUNICÍPIO**

Antes de que sigamos tratando do processo de ocupação e colonização, façamos algumas ressalvas. Ao abordar a História de Jaraguá do Sul é preciso, como sugere Anselmo Schorner, levar em conta que a produção bibliográfica sobre a cidade não é abundante e que, no caso das obras mais conhecidas, “os estudos que existem – Stulzer (1972) e Silva (1975) – não fazem mais que imprimir um verniz ideológico a

discussões que remontam aos anos 1970, quando escrever a História da cidade era uma tarefa confiada a historiadores autodidatas e diletantes” (SCHORNER, 2006, p. 13). Assim, refletem características de seu tempo histórico, além de não serem elaboradas por dominantes do metiê historiográfico. Todavia, isso não configura um impeditivo para que sejam historicizadas, fornecendo valiosas informações a nossa pesquisa. Ademais, produzimos um trabalho de História Ambiental, “a qual sintetiza muitas contribuições e cuja prática é inerentemente interdisciplinar” (DRUMMOND, 1991, p. 185).

Feitas as ressalvas, retomemos pela origem da ocupação da região do Vale do Itapocu, a qual, remonta aos povos tradicionais ameríndios, sendo que:

pesquisas arqueológicas indicam que os Jê Meridionais (Kaingang e Xokleng) deslocaram-se do Brasil Central [...] em direção à região Centro-Sul estabelecendo-se nas regiões hoje conhecidas como estados do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e São Paulo, além da província de Misiones, na Argentina, aproximadamente por volta de 3 mil anos (ALMEIDA, 2015, p. 409).

Estes povos viviam da caça e da coleta revelando, assim, uma “forte dependência em relação à natureza e aos recursos naturais renováveis, os quais são os mantenedores de seu modo particular de vida” (SOUZA, 2015, p.88). Por tempos, até o início da colonização europeia, os grupos Xokleng, Kaingang e Guarani conviviam em disputa pelo espaço na região dos estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina (RICARDO, 2004). Situação esta, que mudaria com o início dos empreendimentos de colonização impetrados pelo governo Imperial do Brasil. O início do contato europeu com a região deu-se “entre 1522 e 1523” com Aleixo Garcia que passa “pelos atuais municípios catarinenses de Jaraguá, Corupá e São Bento” (BOND, 1998, p. 42), rumo ao *El Dorado*. Novo contato se deu em 1543, “quando a expedição espanhola de Dom Álvaro Núñez Cabeza de Vaca passou pela ilha de Santa Catarina em direção ao Paraguai” (STEINBACH, 2013, p. 20), tentando “seguir as pegadas de Aleixo Garcia rumo às riquezas do Peru” (BOND, 1998, p. 41).

Esta retomada do histórico da ocupação da região é necessária pois, como pontua Donald Worster, ao “para o historiador, o objetivo principal deve ser descobrir como uma cultura inteira - e não apenas indivíduos excepcionais dentro dela - percebeu e avaliou a natureza” (WORSTER, 1991, p. 210). Assim, temos a possibilidade de observar como a natureza do local vem sendo tratada ao longo de sua ocupação por diferentes povos.

Todavia, o processo de colonização de Jaraguá do Sul só teria início séculos

depois das passagens de Garcia e Cabeza de Vaca pela região. Esse processo está inserido dentro do contexto de colonização do sul do Brasil em meados do século XIX. Quando “ao mesmo tempo em que os discursos da Primeira República reformularam as noção de trabalho, formulou-se a tese do branqueamento do país. Pretendia-se branquear progressivamente a população através da miscigenação seletiva e da imigração européia” (FROTSCHER, M. 1998, p. 112). Nesse mesmo tempo a Europa passava por crises geradas no desenvolvimento do capitalismo, ocasionando a vinda, sobretudo, de alemães que emigraram para o “novo mundo”. Esses imigrantes vinham, “sobretudo por razões econômicas, quer dizer, porque eram pobres” (HOBSBAWM, 2015, p. 209) e, assim, “tendiam a emigrar mais do que ricos, e [...] mais ainda se as condições tradicionais de vida viessem a se tornar difíceis ou impossíveis” (HOBSBAWN apud RESSETTI, 2015, p. 50).

No Estado de Santa Catarina, a colonização europeia teve início em 1829, com a colônia São Pedro de Alcântara. Enquanto que, oficialmente, a ocupação de Jaraguá do Sul só teve início em 1876 quando o Coronel e Engenheiro Emílio Carlos Jourdan chegou ao vale do Itapocu para a demarcação das terras dotais” (BERTOLI, 2006, p. 21). Ressalte-se que “as terras que hoje compõem o município de Jaraguá do Sul são a porção sul do que formava o Domínio Dona Francisca, terras que o Imperador selecionou como patrimônio dotal para uma de suas filhas, a princesa Isabel, que viria a se casar com o Conde D’Eu” (CAMARGO, 2013, p. 98). A colonização de Jaraguá do Sul, a partir de 1876, “ocorre em três regiões distintas: Colônia Jaraguá, Domínio Dona Francisca e Terras do Estado de Santa Catarina” (KITA, 2012,p. 19).

A exploração do Jaraguá teve início, efetivamente, a partir da década de 1870. Fora nesse momento que Jourdan “chegou para tomar posse de 10 mil hectares de terras ao norte da Colônia Dona Francisca, entre a barra do Rio Jaraguá, a Leste, e a margem do Rio Itapocu, ao Norte” (SCHORNER, 2006, p.23). Jourdan recebeu autorização “de povoar e extrair erva-mate, madeira e minérios” nas terras que lhe foram concedidas. Em seguida, ele criou o “Estabelecimento Jaraguá, que consistia em engenho de açúcar, de farinha de mandioca e de fubá, olaria e serraria, em 1877” (SCHORNER, 2006, p. 23). Eles deveriam extrair da natureza local sua fonte de alimentação e renda. Praticamente ao mesmo tempo em que Jourdan iniciou seus planos, a região sul do território que hoje é o município de Jaraguá do Sul, também começa a ser ocupada por colonos vindos da região de onde hoje é o município de Rodeio.





Essa divisão das terras está visível no mapa acima, com o Parque Malwee, localizado na área aproximada entre o Rio Jaraguá e os lotes 122 e 126.

Posteriormente, a instauração da “República” traria novas mudanças à região, as terras dotais voltam a ser de controle da União, enquanto “as terras devolutas na região, à margem direita do Rio Jaraguá, passam a ser colonizadas pelo Estado através do Departamento de Terras e Colonização, sediado em Blumenau, a partir de 1891” (SEBRAE, 2010, p. 11). Outro acontecimento significativo acontece ainda na primeira década do século XX, quando “um novo impulso é dado à evolução urbana da ainda incipiente vila, [...] a passagem por Jaraguá do ramal da estrada de ferro que ligaria União da Vitória (PR) ao porto de São Francisco do Sul (SC), construído no sentido leste da linha tronco São Paulo – Rio Grande” (BERTOLI, 2006, p.27). A chegada de tal empreendimento acarretaria em transformações na região como “o aumento demográfico e a abertura de pequenas serrarias fornecedoras dos dormentes, o que ajudou a movimentar a economia local” (BERTOLI, 2006, p. 27). A ferrovia também melhorou “o escoamento do excedente agrícola e dos produtos manufaturados nas pequenas fábricas domésticas”, incentivando com que mais fábricas surgissem e que o fluxo de pessoas aumentasse, o que “tornou-se decisivo para o crescimento demográfico” (BERTOLI, 2006, p. 27).

Essas transformações locais, do primeiro quartel do século XX, caracterizam a passagem do nível de subsistência e agro-exportador à fase do artesanato, ligada à transformação dos produtos agrícolas e produção têxtil para o consumo, segundo Schorner, este seria o primeiro dos três períodos da “evolução econômica das áreas de colonização do Jaraguá” (SCHORNER, 2006, p. 25). Até esse momento, a economia local poderia ser caracterizada como “de subsistência e primária-exportadora” (MORETTI, 1988, p. 44).

Consoante com a ideia de Drummond de que a História Ambiental explora “as interações entre o quadro de recursos naturais úteis e inúteis e os diferentes estilos civilizatórios das sociedades humanas” (DRUMMOND, 1991, p. 182). Pontuamos antes, os modos de lidar com a natureza das diferentes culturas que habitaram a região e, depois disso, é possível perceber o nível da interação entre os primeiros colonizadores, que chegavam com a ideia “de ‘fazer a América’, de prosperar acima dos padrões possíveis na Europa à época” (CAMARGO, 2013, p. 99), e as florestas em sua volta se aceleram conforme os empreendimentos sofrem uma expansão. Começando com os empreendimentos de Jourdan, passando pelo surgimento da

cidade e, conseqüentemente, de seu desenvolvimento.

O segundo período é caracterizado por profundas alterações estruturais (energia elétrica, transportes, sistemas de crédito e desenvolvimento demográfico) que permitem a passagem do artesanato à pequena indústria. A cidade também “se veria beneficiada com uma nova leva de imigrantes”, que, a exemplo de Joinville e Blumenau, traziam consigo algumas características que viriam a beneficiar o distrito” (MORETTI, 1988, p. 57). Nesse momento surgem as bases do Grupo Malwee que, mais tarde, criaria o Parque Malwee.

O terceiro período tem início com a inserção do município na economia nacional, a partir de 1960, quando se consolidam uma série de empresas, surgem outras e tem início às exportações em maior escala (SCHORNER, 2006). O setor industrial de Jaraguá do Sul acabou criando um capital local e deu origem a grupos empresariais importantes, empresas que se destacam nacionalmente e até mesmo internacionalmente. Como a WEG (motores elétricos), Duas Rodas e Bretzke (alimentícia), Chocoleite (bebidas) e Marisol na área têxtil fazendo concorrência com o grupo Malwee (DE SOUZA, 2011). Entre as décadas de 60 e 70 “ocorre um processo de urbanização acelerada em detrimento da zona rural. Enquanto a população cresce em 30%, simplesmente aumenta em mais de três vezes o número de residentes na área urbana” (MORETTI, 1988, p. 76).

Durante a fase de consolidação industrial, os camponeses do vale foram levados à proletarização devido ao processo de minifundiarização ocorrido na primeira metade do século XX. Conjugaram então, em um primeiro momento, a agricultura com o trabalho nas fábricas. Faziam da atividade agrária um complemento à subsistência, principalmente quanto à alimentação. Após os anos 1980, com a redução ainda maior dos lotes (por questões de herança, partilha e incipiente especulação imobiliária) estes mesmos colonos-operários foram reduzindo seus lotes ao mínimo necessário para habitação e enxergavam no pequeno excedente uma última possibilidade de lucro, pois com o processo de verticalização haveria a possibilidade de multiplicação do capital (CAMARGO, 2013). Nesse mesmo período:

a submissão dos colonos ao trabalho fabril traduzia-se em alterações na paisagem. Os locais mais íngremes, que apresentavam as maiores dificuldades para serem cultivados, foram os primeiros a serem abandonados pelos agricultores possibilitando o avanço da regeneração florestal (BERTOLI, 2006, p. 66).

Atualmente, “a maioria dos estabelecimentos rurais de Jaraguá do Sul enquadra-se como ‘agricultura familiar’” (NOTARI, 2015, p. 10). A qual se caracteriza

quando “a família, ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção, assume o trabalho no estabelecimento produtivo” (ULLER-GÓMEZ, REIS, SCHEIBE, 2009, p. 184).

## O PROCESSO DE CRIAÇÃO DO PARQUE MALWEE

A região do Parque Malwee fica hoje localizada na porção de terra que compreendia a Colônia Jaraguá, fazendo divisa com a região que compreendia as Terras do Estado de Santa Catarina, além das terras pertencentes à Colônia Dona Francisca. Uma das maiores contribuintes da colonização foi a companhia Hanseática de Colonização, que “trouxeram para essa região principalmente imigrantes das regiões hanseáticas e helvéticas” (CAMARGO, 2013, p. 98).

Pensando na História Ambiental do Parque Malwee, podemos partir de três características da análise deste campo da História apontadas por José Augusto Drummond, as quais iremos apontar no decorrer do texto. A região de Jaraguá localiza-se num vale de mata densa e com a existência de rios e ribeirões, o que se encaixa na primeira característica apontada por Drummond, a de focalizar “uma região com alguma homogeneidade ou identidade natural” (DRUMMOND, 1991, p. 181). Na imagem abaixo, o encontra-se na margem oeste do Rio Jaraguá, pouco acima do encontro deste com os rios do “Serro”<sup>2</sup> e da Luz.

A partir da revolução industrial, os processos produtivos começaram a causar significativos danos ao meio ambiente. Esses mesmos processos que foram se acentuando ao longo dos anos, hoje, são responsáveis pelos impactos ambientais visíveis e invisíveis. Ao mesmo tempo em que o desenvolvimento industrial vem se aprofundando, a sociedade ocidental começou a perceber que os recursos são finitos e o seu uso indevido pode causar o fim da humanidade.

Tal situação, obviamente, acarreta em uma contradição lógica. Por isso, desde então o meio ambiente é a principal pauta da sociedade globalizada e, nesse contexto, governos e sociedade passaram a pautar mais os assuntos ecológicos. Com a conscientização do cidadão/consumidor os empresários passaram a se preocupar com um meio produtivo mais sustentável. Tendo em vista que no passado as empresas ignoravam os impactos que acabavam causando ao meio ambiente<sup>3</sup>, os

---

<sup>2</sup>Grafia utilizada ainda no século XIX entretanto atualmente grafa-se “Cerro”.

<sup>3</sup>Meio ambiente entendido como: “soma total das condições externas circundantes no interior das quais um organismo, uma condição, uma comunidade ou um objeto existe”, podendo os organismos serem “parte do ambiente de outro organismo” (ART, APUD. DULLEY, 2004, p. 18).

negócios de hoje buscam reduzir os impactos e planejam ter impactos positivos futuramente. As organizações estão buscando cada vez mais novas práticas produtivas menos danosas para uma atuação empresarial sustentável (PIRES, 2005).

A partir da década de 1970 “a ideia de ‘ecologia’ rompeu os muros da academia para incorporar nas ações coletivas, comportamentos sociais, políticas públicas em diferentes escalas de articulação”. Além de “irromper nos meios de comunicação de massa, sistemas educacionais” (PÁDUA, 2010, p. 82/83) e em diferentes aspectos da cultura e arte. Com o crescimento do conhecimento científico/tecnológico acabou estimulando várias discussões de temas sobre o ambiente na agenda política, essas discussões acabaram se tornando em parte criatura e ao mesmo tempo criadora do processo globalizador. Essa visão da globalidade planetária em parte é algo simbólico nesse campo cultural complexo. O tema da degradação e destruição a partir da ação humana ao mundo natural é particularmente moderno, é nesse momento que a relação com o ambiente natural surge como um problema primordial para a ininterrupção da vida humana.

Pádua (2010, p. 83) afirma que a questão ambiental “não está relacionada apenas com as consequências da grande transformação urbano-industrial que ganhou uma escala sem precedentes a partir dos séculos XIX e XX”, período da Revolução Industrial, mas vários outros fatores anteriores são determinantes (macro-históricos) e que se relaciona com ela esse grande salto. Como por exemplo a expansão colonial europeia incorporando várias regiões do planeta, grandes ecossistemas e territórios dominados surgindo uma economia-mundo. A construção de um saber geográfico planetário é necessária para entendermos a preocupação com os riscos das ações humanas, tanto na Europa quanto nas colônias começaram a surgir denúncias de desflorestamento, sedimentação dos rios, erosão dos solos entre outros problemas ambientais. O autor cita Richard Groove (1995), o qual, seus estudos demonstram que a colonização europeia fez com que surgissem rápidas transformações de áreas florestais para monocultura, mesmo após a independência desses países (PÁDUA, 2010).

Durante a década de 70, em um período “de reavaliação e reforma cultural, em escala mundial” (WORSTER, 1991, p. 199) que a Família Weege criou o referido Parque. Segundo a empresa “ A ideia do projeto nasceu em 1975 quando, em sua primeira viagem à Europa, Wolfgang conheceu diversos lugares que o inspiraram a criar um parque em Jaraguá do Sul”<sup>4</sup>. Logo, a criação do parque está ligada a essa

---

<sup>4</sup> Ver mais em: <<http://grupomalwee.com.br/sobre-o-grupo/>> Acesso em: set.2019

ideia de preservação que começou a aflorar naquela década. Também é preciso lembrar que nesse momento a população da cidade havia aumentado em um terço (MORETTI, 1988, p. 57) e, portanto, carecia de áreas de lazer.

Segundo Bacca (2007), o surgimento de áreas de conservação estão presentes desde do início da colonização européia, a maioria surge para conservar áreas remanescentes da exploração agrícola e industrial que se iniciou no final do século XIX. Que acabou se agravando a partir da década de 1970, por isso um dos motivadores foram os efeitos das ações do homem como a caça, extração vegetal e indústria. De certa maneira podemos afirmar que a criação do parque está sustentada em diversos acontecimentos, que vão além da ideia conservacionista que veio junto com os colonizadores. Vale ressaltar que apenas na década de noventa acabou se criando uma legislação federal, que dava ressalvas a modalidade de UC em terras particulares onde a iniciativa partia dos seus proprietários. Sendo instituído pelo Decreto nº 1.992 em 5 de Julho de 1996 (DRUMMOND, 2010).

A Família Weege migrou do norte da Alemanha em 1868 desembarcando em São Francisco do Sul e navegando no Rio Itajaí Açu, caminhando quilômetros para chegar ao Rio do Teste. Um dos filhos acabou se casando com uma integrante de uma família que trabalhava na área têxtil, acabaram ganhando um terreno e fundaram a firma Weege em Jaraguá do Sul em 1906, que depois deu origem ao Grupo Malwee. O seu principal comércio inicialmente era açougue e queijaria e a partir de 1948 se tornou uma sociedade anônima e se ampliou os negócios adquirindo um frigorífico e laticínios. Em 1950 construíram uma loja de conveniência junto com um posto de gasolina, na década seguinte se modernizou e se tornou uma loja de departamentos. O empreendimento foi fechado e reformado para se tornar uma empresa têxtil, esse novo empreendimento tomou forma junto com a fábrica e seus processos de produção se tornando um marco para a nova era industrial e comercial da cidade (GRUPO MALWEE, 2019).

Percebemos que desde a origem do Grupo que veio a criar o Parque, o relacionamento com a natureza vem sendo crucial para sua existência. Açougue, queijaria e o ramo têxtil relacionam-se diretamente com matérias primas, os dois primeiros, de extração local, portanto, diretamente ligada à relação da comunidade local com a natureza. Conforme Worster, e isso é de suma importância à nosso estudo, “devemos presumir que toda cultura contém um leque de percepções e valores variados, e que jamais houve uma cultura que realmente quisesse viver em harmonia total com o seu ambiente” (WORSTER, 1991,p. 211). Se nós nos

imaginássemos não fazendo parte da natureza, poderíamos pensar que com ela nos relacionamos em deslealdade, ao passo que dela extraímos praticamente tudo que necessitamos, para manter nosso padrão de vida e não contribuimos, em igual medida, para manter sua existência.

### **A CONTRIBUIÇÃO SOCIOAMBIENTAL DO PARQUE PARA A CIDADE**

O Parque Malwee “possui 1,5 milhão de metros quadrados, 16 lagoas, mais de 35 mil árvores plantadas entre espécies nativas e exóticas e uma fauna considerada acima da média, dada sua localização em um centro urbano” (GRUPO MALWEE, 2018). Além disso, recebe, em média, 120 mil visitantes ao ano. O Grupo Malwee em sua história sempre se preocupou com o meio ambiente. Após a criação do parque a empresa implantou diversas ações sustentáveis, a coleta seletiva de lixo em 1997 e lançou projetos de educação ambiental. No ano seguinte construiu o aterro industrial monitorado e no ano 2000 trocou o óleo BPF por gás natural.

Nos anos seguintes otimizou o sistema de tratamento de efluentes (TECNOBIO), implantou o sistema de reúso da água do processo produtivo. Além da utilização das sacolas oxibiodegradáveis, neutralização de emissão de CO<sup>2</sup> e lançou a malha PET. Em 2015 o grupo lançou o plano de sustentabilidade 2020 reforçando o comprometimento com as pautas socioambientais, estabelecendo metas e planos na redução das consequências causadas pela cadeia produtiva. Assim, se alinhando com a ideia de sustentabilidade. No mesmo ano aderiu ao Pacto Global da Organização das Nações Unidas (ONU), assinou a carta de compromisso para mobilizar a comunidade empresarial ao desenvolvimento sustentável. Podemos entender que as ações estão de acordo com os principais avanços na área da sustentabilidade, como, “a idéia central do desenvolvimento sustentável, tal como defendida pelo divisor de águas que é o Relatório Brundtland, é que desenvolvimento e meio ambiente não podem ser separados, são partes interdependentes das mesmas questões” (MAY, BOYD, CHANG, VEIGA, 2005, p. 9).

Se encontra em uma região considerada como Zona de interesse ecoturístico pela Prefeitura Municipal de Jaraguá do Sul, no parágrafo VII da lei n° 1766/93. Essa zona é “destinada ao uso residencial não exclusivo, complementado pelo uso comercial não atacadista, prestação de serviço não especial, indústrias de pequeno porte e pequeno potencial poluidor” (JARAGUÁ DO SUL, 1993). Os critérios para se enquadrar no parágrafo é a proteção e preservação do patrimônio ambiental natural, abrangendo a rede hídrica, a cobertura vegetal, as paisagens notáveis, as áreas

ambientalmente frágeis (NOTARI, 2015) e APPs. Desde 2009 o Parque tem um acordo com a Fundação do Meio Ambiente (FATMA) e o Ministério Público Estadual para transformar em uma unidade de conservação na modalidade Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN)<sup>5</sup>.

Do Parque Malwee, desdobra-se o bairro Parque Malwee, criado em 2017 através da lei ordinária Nº 7.447/2017 que, “altera a Delimitação dos Bairros Chico de Paulo, Tifa Martins, Água Verde, Parque Malwee, Rio da Luz, Barra do Rio Cerro, Estrada Nova e Tifa Monos” (JARAGUÁ DO SUL, 2017). O parque se encontra na margem esquerda do rio Jaraguá, na rua 331 - Expedicionário Alfredo Behnke ao lado esquerdo. Seguindo em linha até encontrar a cota 100 e prosseguindo até encontrar a divisa dos bairros São Luís, Tifa Martins e Chico de Paulo até a linha limítrofe do perímetro urbano do próprio parque. Segundo o artigo 2º da Lei Municipal nº 1.158/1987 (JARAGUÁ DO SUL, 1987) e desta até o Rio Jaraguá no ponto de partida. O parque Malwee se encontra na região 6 do mapa de regionalização do município, fazendo divisa com a região 5 e 7, mais precisamente com os bairros Chico de Paulo ao seu norte e Tifa Martins, São Luiz ao leste do perímetro do bairro do parque. Já no Sudoeste faz divisa com o bairro Jaraguá 99 pertencente a sua região, segundo o mapa.

Benefícios às comunidades próximas de um parque localizado em uma área urbana podem ser, por exemplo, ganhos na “saúde física e mental de seus usuários, em estimular o convívio e trocas sociais positivas que acontecem durante e após o uso desses espaços” (CARVALHO, 2019, p. 1109). Sua ampla reserva e o entorno das lagoas para caminhadas. Acaba se tornando um refúgio para a comunidade jaraguaense, tanto pela área de preservação, quanto por estimular a cultura com seus museus e o Espaço de Cultura Popular Bertha Weege. O visitante também encontra diversos espaços para lazer e socialização, como quiosques, estruturas para grandes eventos, lanchonetes e restaurantes com comida típica alemã. Sua estrutura também é muito importante para o estímulo à prática do esporte, tanto amador quanto profissional. Contando com um ginásio de esportes que serviu diversas vezes como mando de campo do time de futsal da cidade, pista de bicicross que recebeu etapas nacionais do campeonato brasileiro<sup>6</sup>, campo de futebol suíço, campo de futebol de areia, além do seu lago já ter sediado uma etapa do campeonato catarinense de Jet

---

<sup>5</sup>Ver mais em: <<https://www.wikiparques.org/parque-malwee-completa-39-anos-amanha/>>. Acesso em: set. 2019

<sup>6</sup> Ver mais em: <<https://avanteesportes.com/2019/04/06/ciclismo-parque-malwee-sedia-etapa-de-abertura-do-campeonato-brasileiro-de-bicicross/>>. Acesso em: set. 2020.

Ski<sup>7</sup>.

Em 2016 o parque sediou “Jaraguá Night Race” organizado pela Associação de Corredores de Rua de Jaraguá do Sul - ACORJS, com provas de 5 e 10 quilômetros, tinha como objetivo “proporcionar a revelação e o aprimoramento de atletas, expandir a prática desportiva dessa modalidade”, dar oportunidade para os participantes “a prática do pedestrianismo visando saúde e a integração da comunidade para uma melhor qualidade de vida” além de valorizar o potencial turístico na cidade de Jaraguá do Sul<sup>8</sup>. As práticas de loga também são comuns no parque, como diversos outros esportes. Podemos analisar o retorno que o parque acaba proporcionando para a sociedade jaraguaense, quando percebemos que as estruturas que garantem a prática de determinado esporte acaba fazendo com que a equipe da cidade seja referência a nível regional ou estadual<sup>9</sup>. O Cross Triathlon é outra modalidade esportiva que já utilizou as estruturas do parque, a elite brasileira do esporte esteve presente participando da seletiva para o Mundial da categoria, utilizando o lago para natação, trilhas para a etapa de mountain bike e corrida na lama, grama e lajotas<sup>10</sup>. Outro esporte praticado no parque é a pesca, sendo que essa é aberta para toda comunidade. A administração do parque autoriza a pesca em diferentes épocas, conforme a necessidade de drenagem da lagoa para manutenção<sup>11</sup>.

Como falado anteriormente, além do parque fomentar o esporte e o turismo da população jaraguaense, também preserva a cultura dos imigrantes colonizadores. O Espaço de Cultura Popular Bertha Weege preserva equipamentos agrícolas, maquinários, meios de transporte do final do século XIX e início do XX. Já o museu I é uma casa com sua arquitetura colonial construída em 1945 onde o visitante pode encontrar fragmentos arqueológicos que comprovam a presença indígena na região, além de conter eletroeletrônicos que demonstram o avanço da informação e da tecnologia na época. Já o museu II com sua arquitetura enxaimel de 1938 conta com uma coleção de moedas de mais de cinquenta países, também incentiva a educação com exposições temporárias da produção artística regional e trabalhos acadêmicos.

Em uma pesquisa de 2015 foi realizado um levantamento das espécies de

---

<sup>7</sup> Ver mais em: <<http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/correiodopovo/1993/CDP19933803.pdf>>. Acesso em: set. 2020.

<sup>8</sup> Ver mais em: <<https://www.ticketagora.com.br/e/5-jaragua-night-race-2016-2701>>

<sup>9</sup> Ver mais em:

<<https://avanteesportes.com/2018/03/17/ciclismo-parque-malwee-e-palco-da-etapa-de-abertura-do-catarinense-de-bicicross/>>. Acesso em: set. 2020.

<sup>10</sup>Ver mais em: <http://www.fetrisc.org.br/noticia/elite-brasileira-de-cross-triathlon-no-parque-malwee/1011>

<sup>11</sup> Ver mais em:

<<https://ocp.news/geral/em-fim-de-temporada-de-pesca-carpas-de-mais-de-30-kg-sao-pegas-no-parque-malwee>>. Acesso em: set. 2020.



aves do parque, no total foram encontradas 155 espécies - é considerado um número elevado - e em média a cada hora de observação se avistava aproximadamente 40 espécies. O Parque Malwee se encontra em uma região urbana e sua cobertura florestal em partes, é formada por espécies exóticas que foram plantadas pelo fundador do parque. Além disso é muito importante para as aves da floresta atlântica, pois foi registrado a existência de espécies de interesse conservacionista como *Piculus flavigula* (Boddaert, 1783), o pica-pau-bufador, *amodonastur lacernulatus* (Temminck, 1827), gavião-pombo-pequeno e o *Sporophila frontalis* (Verreaux, 1869) considerados vulnerável no estado (ZIMMERMANN, PIONTKIEWICZ, 2015). Segundo o Relatório Brundtland da ONU “o desenvolvimento tende a simplificar os ecossistemas e a reduzir a diversidade das espécies que neles vivem. E as espécies, uma vez extintas, não se renovam”, portanto, [...] o desenvolvimento sustentável requer a conservação das espécies vegetais e animais” (RELATÓRIO BRUNTLAND, 1991, p. 49).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da revolução industrial, os processos produtivos começaram a causar significativos danos ao meio ambiente. Esses processos foram se acentuando ao longo dos anos, e são os grandes responsáveis pelos danos ambientais. Com o desenvolvimento industrial se aprofundou ainda mais, sendo assim a sociedade ocidental se deu conta que os recursos são finitos. Por isso, o meio ambiente vem sendo a principal pauta da sociedade globalizada, passando a pautar mais os assuntos ecológicos. Com a conscientização do consumidor as grandes empresas passaram a se preocupar com uma cadeia produtiva mais ecológicas. A ideia de ecologia incorporou diversas ações de todos os setores da sociedade, ocorrendo várias discussões sobre o tema ambiente na agenda política global. O tema da exploração não regenerativa do homem é de uma certa forma moderno, a relação com o ambiente natural hoje é um problema primordial para a vida humana na terra.

Nessa década que a Família Weege criou o Parque. Essa ideia surgiu em uma viagem em 1975 à Europa, onde um dos membros se inspirou em diversos lugares para criar o parque na cidade de Jaraguá do Sul. Sendo assim o parque foi criado com a influência verde que se iniciava naquela época. Junto com a necessidade de espaços de esporte, lazer e cultura para a população que aumentava a cada dia. A pesquisa teve objetivo de entender o desenvolvimento do parque e todo o seu entorno, e contribuir para o entendimento da importância do parque para a cidade.

Utilizando a proposta da pesquisa de base, na área de concentração das ciências sociais aplicadas, teve como disciplina o Desenvolvimento Regional ou Ciência Regional, e abordagem teórica e metodológica da História Ambiental. Os procedimentos de coleta de dados consistiram no levantamento de dados secundários utilizando diversas fontes. Os dados coletados foram organizados para responder os objetivos, sendo que esses resultados encontrados foram analisados através da abordagem teórica metodológica da História Ambiental. O processo de criação do parque iniciou-se na década de setenta e, podemos concluir que o mesmo foi se desenvolvendo conforme as necessidades da população da cidade. Devemos ressaltar que no momento em que se teve a ideia de criá-lo, a cidade estava se desenvolvendo economicamente e recebendo muitos imigrantes para o trabalho nas indústrias têxteis, alimentícias e de motores. A cidade tinha a necessidade de um espaço para fomentar a cultura e a prática do esporte e lazer (tanto amador quanto profissional). Assim, o Parque Malwee foi o grande responsável nesses fatores. Também, resultou em um papel que incentiva o turismo, atraindo turistas e fazendo com que toda economia comercial da cidade seja beneficiada. O parque da Malwee modificou os processos de desenvolvimento do território onde está inserido, tendo importante papel como um agente de desenvolvimento regional para as localidades ao seu entorno, de igual maneira como para todo município de Jaraguá do Sul.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Antonio Cavalcante de. **O empoderamento de lideranças indígenas Kaingang no sul do Brasil**. Interações (Campo Grande), Campo Grande, v. 16, n. 2, p. 407-419, Dec. 2015.

ASP, Nils Edvin; SIEGLE, Eduardo; SCHETTINI, Carlos Augusto França; LOSSO, Arthur Pires; KLEIN, Antonio Henrique da Fontoura; et al. Geologia e Hipsometria de Bacias de Drenagem do Centro-Norte Catarinense (Brasil): **Implicações para a zona costeira**. Quaternary and Environmental Geosciences. Paraná, v.1, n.2, p. 98-108, 2009.

BACCA, Lauro Eduardo. Meio ambiente em Blumenau: da pré-história à história. Blumenau em Cadernos. Edição Especial 50 Anos, p. 25, 2007

BERTOLI, Daiane. **Dinâmica da paisagem da sub-bacia do Plano de manejo Parque Nacional da Serra do Itajaí. Ribeirão Chico de Paulo (Jaraguá do Sul-SC): urbanização e conflitos decorrentes**. 2006. Dissertação de Mestrado em Geografia Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar. 2001.

BOND, Rosana. **A saga de Aleixo Garcia: o descobridor do império inca** /Rosana Bond. -Florianópolis : Insular, 1998.

BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. **Plano de manejo Parque Nacional da Serra do Itajaí**. Blumenau: Acaprena: ICMBio. 2009.

CARVALHO, Ítalo Brener; GOSLING, Marlusa de Sevilha. **Parques verdes urbanos y transformación de comportamiento: una propuesta de marco teórico entre la Transformative Service Research y la Service Dominant Logic**. Interações (Campo Grande), v. 20, n. 4, p. 1099-1114, 2019, p. 1109.

CAMARGO, Felipe Côrte Real de. **Do tombamento à chancela: o estabelecimento do bairro Rio da Luz como paisagem cultural brasileira e seu contexto urbanístico (Jaraguá do Sul 2007-2013)**. 2013. Dissertação de Mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade. Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

DE SOUZA, Joel José; BASTOS, Maycon Neykiel. **A FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL DO ESTADO DE SANTA CATARINA, BRASIL**. Revista Geográfica de América Central, Universidad Nacional Heredia, Costa Rica, vol. 2, julio-diciembre, 2011.

DRUMMOND, José Augusto; FRANCO, José Luiz de Andrade; OLIVEIRA, Daniela. Uma análise sobre a história e a situação das unidades de conservação no Brasil. In: GANEM, Roseli Senna (org.). **Conservação da biodiversidade: legislação e políticas públicas**. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010.

DRUMMOND, José Augusto. A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 177-197, dez. 1991.

DULLEY, Richard Domingues. Noção de natureza, ambiente, meio ambiente, recursos ambientais e recursos naturais. **Agricultura em São Paulo**, São Paulo, v. 51, n. 2, p. 15-26, 2004.

FROTSCHER, M. **Etnicidade e trabalho alemão: outros usos e outros produtos do labor humano**. 1998. 198f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

GARROTE Martin Stabel; DAMBROWSKI Vanessa; SANTOS Gilberto Friederich. **Ocupação e Colonização de Imigrantes Alemães e Italianos na Floresta Ombrófila Densa Atlântica do Município de Apiúna, Entorno do Parque Nacional da Serra do Itajaí (SC)**. Tempos Acadêmicos 1(6): article. 2008

GRUPO MALWEE. <<http://grupomalwee.com.br/sobre-o-grupo/>>. Acesso em: fev. 2019.

GRUPO MALWEE. **Parque Malwee: lazer e cultura em meio à natureza exuberante**. 05 de janeiro de 2016. Disponível em:

<<http://grupomalwee.com.br/n/parque-malwee-lazer-e-cultura-em-meio-a-natureza-exuberante/>>. Acesso em: fev. 2019.

HOBBSAWM, Eric. **A era do capital: 1848-1875**. CIDADE: Editora Paz e Terra, 2015. IBGE, Jaraguá do Sul, 2017.

IBGE, Jaraguá do Sul 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/jaragua-do-sul/panorama>>. Acesso: agosto. 2019.

**JARAGUÁ DO SUL**. Lei nº 1.158 de 1987. Jaraguá do Sul (SC), 17 de dezembro de 1987.

**JARAGUÁ DO SUL**. Lei nº 7.447 de 2017. Jaraguá do Sul, 28 de agosto de 2017.

**JARAGUÁ DO SUL**. Lei nº 1.766 de 1993. Jaraguá do Sul (SC), 09 de dezembro de 1993.

KITA, Silvia Regina Toassi; LOPES, Sidnei Marcelo. **Páginas de Jaraguá: 120 anos da imigração húngara em Jaraguá do Sul**. Arquivo Histórico de Jaraguá do Sul. v.1, n.1. jan. 2012.

MAY, P.; BOYD, E.; CHANG, M.; VEIGA, F.C. **Incorporando o desenvolvimento sustentável aos projetos de carbono florestal no Brasil e na Bolívia**. Estudos Sociedade e Agricultura, v.13, n.1, p.05-50, 2005.

MORETTI, Gilmar Antônio. Subsídios para a história econômica de Jaraguá do Sul. **Jaraguá do Sul**, 1988.

NOTARI, Gisele Dagnoni. **Diagnóstico das áreas de preservação permanente na Sub-bacia Rio Jaraguá, Município de Jaraguá Do Sul, Santa Catarina**. Trabalho de especialização em Economia e Meio Ambiente no curso de Pós-Graduação em Economia e Meio Ambiente do Departamento de Economia Rural e Extensão, Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, 2015.

PÁDUA, José Augusto. **As bases teóricas da História Ambiental. Estudos Avançados** (São Paulo), v. 24, n. 68, 2010.

PIRES, Fernanda Teixeira; MENDONÇA, E. S. **Conceitos e práticas de sustentabilidade sócio-ambientais na área empresarial no contexto da economia do conhecimento**. In: CONVIBRA CONGRESSO VIRTUAL BRASILEIRO DE ADMINISTRAÇÃO, 2005, 2005, On-line. ANAIS DO CONGRESSO VIRTUAL BRASILEIRO DE ADMINISTRAÇÃO - 2005, 2005.

RELATÓRIO BRUNTLAND, Comissão. Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. **Nosso Futuro Comum**, 2ª edição. Rio de Janeiro. 1991.

RESSETTI, Jeanine Campos. **Memórias e Identidades Étnico-Religiosas dos Descendentes de Ucranianos em Ponta Grossa-PR**. 2015. 167 f. Dissertação (Mestrado em História, Cultura e Identidades) - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA, Ponta Grossa, 2015.

RICARDO, Fany; (Org.) **Terras Indígenas e Unidades de Conservação: o desafio das sobreposições**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2004.

SCHORNER, Ancelmo. **A pedra, o migrante e o morro: feridas narcísicas no coração de Jaraguá do Sul/SC-1980/2000**, 2006. Tese de Doutorado em História Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SEBRAE. **Santa Catarina em Números**. Florianópolis:Sebrae/SC, 2010.

SEYFERTH, Giralda. **Colonização, imigração e a questão racial no Brasil**. Revista usp, n. 53, p. 117-149, 2002.

SEYFERTH, Giralda. **Memória Coletiva, identidade e colonização: representações da diferença cultural no sul do Brasil**. XIV Congresso Brasileiro de Sociologia. Rio de Janeiro, UFRJ. 2009

SOUZA, Ana Hilda Carvalho et al. A RELAÇÃO DOS INDÍGENAS COM A NATUREZA COMO CONTRIBUIÇÃO À SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL: UMA REVISÃO DA LITERATURA. **Revista Destaques Acadêmicos**, [S.l.], v. 7, n. 2, jun. 2015.

SOTO, Anne Elise Rosa & YUNES, Gilberto; **Pólo Industrial de Jaraguá do Sul: permanência e valorização de um patrimônio**. Anais do II Encontro Nacional sobre Patrimônio Industrial. São Paulo, 2009.

SOTO, Anne Elise Rosa. **Patrimônio industrial edificado urbano de Jaraguá do Sul - SC: inventário das principais indústrias implantadas entre 1900 e 1960**. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, SC, 2010.

STEINBACH, Anja Meder, TOMASELLI, Carla C. **Bacia Hidrográfica do Rio Itapocu: Você já ouviu falar do Comitê Itapocu?** 1.ed. Jaraguá do Sul: ID Editora, 2013.  
STULZER, Aurélio. **O primeiro livro do Jaraguá**. Editora Vozes, 1973.

ULLER-GÓMEZ, Cíntia; REIS, Maria José; SCHEIBE, Luiz Fernando. Agricultura familiar e áreas de preservação permanente: uma análise a partir da concepção dos colonos de Botuverá/SC.. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, Florianópolis, v. 6, n. 1, p. 179-217, jul. 2009.

WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 198-215, dez. 1991.

ZIMMERMANN, Carlos Eduardo; PIONTKEWICZ, Simone Caroline. **Avifauna em gradiente de altitude na Floresta Atlântica de Santa Catarina: subsídios para a Conservação da Biodiversidade da APA do Rio Vermelho/ Humboldt/Quiriri e entorno**. UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU – UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU – FURB, Blumenau, jan. 2015.